

8127
S5862
Bx1
C 9256 9135

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	00114541
Data	07 / 03 / 05
() Compra (X) Doação () Permuta	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA, TECN. DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - DEPARTAMENTO DE
LETRAS

LINGUAGEM- EXPRESSÃO DO MEIO

PONTES E LACERDA

2004

Margarida Silva

Ensaio Monográfico apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obter o título de graduação em Letras.

Orientador: Prof. Mestre José Pereira da Silva

PONTES E LACERDA

2004

AGRADEÇO

- A DEUS pela vida, pelo ar que respiramos.
- A minha Mãe por estar presente em toda a minha vida, por dedicar-se aos meus filhos nos momentos em que a minha ausência se fez necessária. Mãe, sem você jamais teria conquistado esta vitória!
- Às minhas irmãs que souberam entender e respeitar meus objetivos.
- Ao João Paulo e Luiz Inácio que, em meio às lágrimas da incompreensão souberam abraçar-me a cada despedida, filhos vocês são os melhores presentes do mundo!
- A amiga Daiane que esteve presente em todos os passos desta caminhada, soube entender as lágrimas, os risos e até mesmo o meu silêncio.

A vocês que acima de tudo sabem ser amigas, não mediram esforços para estar ao meu lado neste momento tão difícil, puderam acreditar, incentivar e instruir para a conquista de mais uma vitória. Prof. CLEUNICE e Prof. MADALENA TARCETTI os meus sinceros agradecimentos.

DEDICO

- A minha mãe que sempre esteve presente nos momentos difíceis;
- Aos meus filhos João Paulo e Luiz Inácio que são os principais incentivos na conquista de cada vitória;
- Aos verdadeiros amigos (a) que conhecem e entendem os meus objetivos.

SUMÁRIO

MOMENTO HISTÓRICO.....	7
GRACILIANO RAMOS.....	8
INTRODUÇÃO.....	10
LINGUAGEM DE FABIANO: UMA FORMA DE EXPRESSÃO DO MEIO.12	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	25

MOMENTO HISTÓRICO

No início do século XX a cultura francesa dominava os meios artísticos e intelectuais brasileiros. Os principais expoentes de nossa intelectualidade liam e falavam o francês e viajavam constantemente para Paris a fim de realizar seus trabalhos ou buscar inspirações. Os modernistas de 1922 (primeiro momento) contestavam justamente esse comodismo cultural. O principal objetivo deles era lutar contra o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação ao europeu e também criticar a dominação cultural e política do Brasil pelos estrangeiros. O manifesto lançado pelos modernistas propunha o aproveitamento de tudo que fosse útil da cultura européia desde que fosse remodelado pelas terras brasileiras.

O segundo tempo do Modernismo (1930-1945) chamado de “geração de 30”, começou a definir os rumos construtivos do Modernismo, tal período contou com um poder centralizador muito forte do presidente Getúlio Vargas.

O Modernismo desta fase tornou-se mais politizado e isso fez produzir um fazer literário que colocava no centro a preocupação social. A marca desta começou a ser moldada em 1926, com um congresso de escritores nordestinos que defendia a criação do regionalismo crítico, sem abandonar as conquistas da geração anterior.

O romance regionalista ou ciclo do romance nordestino, que compreende a segunda fase do modernismo, período da literatura ficcional relativa à década de 30 foi comprometido com os temas regionais, principalmente no tocante ao nordeste brasileiro.

Dentre os autores deste período destacamos Graciliano Ramos, um dos maiores representantes do modernismo brasileiro nesta fase. Em sua obra aderiu à crítica social e enfatizou também os mecanismos da alma. Em função disso, o meio ambiente integrava-se ao indivíduo como se fizesse parte dele.

O referido escritor adotava um estilo seco e conciso, o que combinava perfeitamente com o ambiente em que se passavam as ações de seus romances e com as personagens que deles faziam parte, caso principalmente marcante em *Vidas Secas*, aqui tratados.

GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos alagoano nascido na pequena cidade de Quebrângulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892, foi o primeiro dos dezesseis filhos de sua família. Seu pai era comerciante e mudou-se com a família para Pernambuco, fez estudos secundários em Maceió. Transferiu-se em 1910 para Palmeiras dos Índios (AL) quando voltou a viver com a família e passou a ajudar seu pai no comércio.

Em 1914, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a colaborar com diversos jornais e revistas. Um ano depois, com a morte de três de seus irmãos, ele volta a Palmeiras dos Índios. Nessa cidade ele foi jornalista e político. Em 1925, escreve seu primeiro romance que foi publicado, anos depois. Em 1928, foi eleito prefeito da cidade, neste mesmo período casou-se com Heloisa de Medeiros.

Na política não obteve sucesso, renunciou à prefeitura em 1930 e foi nomeado diretor da Imprensa Oficial de Maceió, afastando-se do cargo um ano depois. Em Maceió ele é submetido a uma operação, no hospital inicia a escrever o romance *São Bernardo*, que fora publicado em 1934, em Palmeiras dos Índios.

Graciliano Ramos fez parte de um grupo de artistas e escritores que criticavam o sistema capitalista e apoiavam a luta pelo socialismo.

Em 1935, o Partido Comunista tentou chegar ao poder por meio de uma revolta armada. A tentativa fracassou e todos aqueles que tinham idéias socialistas foram reprimidos pelo governo Getúlio Vargas.

Em 1936 Graciliano Ramos foi acusado de pertencer ao Partido Comunista. Mesmo não havendo provas ele foi enviado para uma prisão no Rio de Janeiro, onde passou por diversos presídios. Foi solto em janeiro do ano seguinte. Sua experiência na prisão foi relatada no romance, *Memórias do Cárcere* que denuncia as arbitrariedades da ditadura de Getúlio Vargas.

Permaneceu morando no Rio de Janeiro e deu continuidade às suas atividades literárias, escreveu *Vidas Secas*, publicada em 1938.

Em 1945, já consagrado um de nossos maiores romancistas ingressou no Partido Comunista Brasileiro. Viveu com dificuldades às custas de prêmios que recebia por suas obras literárias. Faleceu em 1953, vítima de câncer.

Vale ressaltar que o interesse do escritor era a sondagem psicológica do “herói” presente nos romances, os conflitos colocados em debates pela sociedade e as indagações da alma. E podemos observar tais conflitos em *Vidas Secas*, através do personagem Fabiano o qual retrata, as dificuldades do homem no seu meio social.

INTRODUÇÃO

Vidas Secas (1938) é um romance do sertão que retrata o problema do homem nordestino para com a seca da região. Neste romance com uma linguagem simples e objetiva se movem os personagens Fabiano, Sinhá Vitória, Menino Mais Velho, Menino Mais Novo e a cadela Baleia.

É um romance que criticamente é seco e duro, diríamos que quase sem vida, assim como a terra retratada.

Inicialmente podemos observar na obra a particularidade na composição dos capítulos que nos leva a relacionar a semelhança com a estrutura familiar dos personagens descritos na obra em que, o autor com uma trajetória circular, é capaz de descrever a miséria física e intelectual do homem, o que mostra o nivelamento entre pessoas e animais.

Vidas Secas, aparentemente, surge como uma obra de fácil leitura e de grande entretenimento, no entanto, a presença de um narrador que apesar de onisciente, controla com frequência o emprego do discurso indireto livre leva-nos a entender a seriedade com a qual são tratadas as críticas do autor.

Um fato que chama a atenção do leitor é que cada capítulo tem o nome da personagem central deste. As personagens estão sempre envolvidas nos mesmos problemas e nas mesmas atitudes. Sinhá Vitória, tem seu ideal voltado para uma cama de lastro de couro e isso induz todos os seus atos e até seu pensamento “mágico” ajuda-a na construção dessa esperança. O menino mais novo, tem no pai seu ponto ideal de referência.

Já o menino mais velho deseja saber o significado das palavras e é castigado pela mãe por realizar tantas perguntas que a deixa confusa. Em consequência do castigo ele chora e é consolado por Baleia, uma cadela.

A cadela Baleia, considerada parte integrante da família demonstra possuir todas as características humanas, como a necessidade de buscar alimentos, consolar os meninos, reprovar ou não certas atitudes e comportamentos dos humanos. Ela assemelha-se tanto ao ser humano que chega até mesmo a desconfiar das intenções do homem.

Na história encontramos seu Tomás da Bolandeira que direta ou indiretamente simboliza o desejo de ascensão social e econômica da família, contrapõe à miséria vivida

por Fabiano e representa uma classe social que de posse de uma cultura, humilha e explora a classe menos favorecida que na obra é representada pela família de Fabiano.

Encontramos também um personagem denominado apenas como soldado amarelo.

Apesar dos conflitos internos de cada personagem e a luta da família pela sobrevivência, é em Fabiano que estão traçadas as maiores críticas do autor relação à política social da época.

É em torno dos conflitos entre Fabiano e o soldado amarelo que traçaremos uma discussão no intuito de questionar a importância da linguagem verbal e sua influência no ato comunicativo do homem diante das dificuldades em sobressair-se numa sociedade dominante. Mencionaremos também alguns conflitos psicológicos de Fabiano, os quais acreditamos serem gerados devido à ausência da linguagem.

Para discorrer sobre esse assunto, tomarei como referencial alguns teóricos, dentre eles: o filósofo Ernest Cassirer, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin e outros.

A LINGUAGEM DE FABIANO: UMA FORMA DE EXPRESSÃO DO MEIO

Ao considerar o cenário exibido na obra, *Vidas Secas* e o contexto sociocultural do personagem Fabiano, podemos observar que a luta pela sobrevivência caminha lado a lado com a necessidade de uma linguagem legítima e capaz de posicionar socialmente o homem.

Logo no primeiro capítulo do romance a evidência das palavras do pai para com o filho, no sentido de reprimi-lo, isso deixa claro o uso de um vocabulário rústico e sem qualquer cautela. O direcionamento desta fala a uma criança, remete-nos a observar o nível de igualdade da criança com o adulto.

*—Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai (...)
Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que
ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os
quatro cantos, zangado, praguejando baixo.
—Anda, excomungado. (RAMOS, (2002); p. 09- 10)*

Observamos neste trecho o sentimento de revolta de Fabiano que frente à situação vivida e, talvez por encontrar-se inserido em tantas dificuldades sente o desejo de culpar alguém pelo seu cruel e miserável destino.

Assim, crianças e adultos sofrem o mesmo drama. A criança por ser ignorada, reprimida e humilhada pelo pai vê-se numa classe subalterna que é dominada pelo poder patriarcal e com isso os direitos de expressar seus sentimentos são ignorados pelo adulto.

Fabiano além de ter que lutar contra a seca do sertão nordestino sofre o descaso e humilhação da sociedade, isso por ele não dominar uma linguagem capaz de expressar seus sentimentos.

Segundo Cassirer (1994), são inúmeras as formas de comunicação dos seres vivos. Nesse sentido, cada animal possui sua característica própria e específica. Na concepção dele os animais possuem o sistema de receptor e de efetuator, ou seja, os efeitos e reações são manifestados de acordo com as informações que recebem numa realidade imediata. O homem além dessas duas características, possui também o sistema simbólico que é capaz de diferenciá-lo. Por isso ele não vive uma realidade mais ampla e sim uma nova dimensão

de realidade em que o pensamento exerce a importante função de diferenciar as reações orgânicas das respostas humanas.

O autor afirma também que a linguagem, o mito, a arte e a religião são partes do universo simbólico do homem que fortalecem cada vez mais a experiência humana no ato de pensar, pois além de lidar com as coisas ao seu redor está conversando constantemente consigo mesmo.

O meio social, sua condição de vida, seus relacionamentos com o próprio homem, direto ou indiretamente geram conflitos que, muitas vezes não podem ser explicados, entendidos ou compreendidos pelo seu semelhante, gerando conseqüentemente as conversas introspectivas, os monólogos que pouco, ou quase nada resultam em soluções para esses problemas.

E isso pode ser observado constantemente na obra *Vidas Secas* através do protagonista Fabiano que ao ver-se envolvido em um problema, questiona-se na tentativa de descobrir o porquê de tanta confusão:

Ouvii o falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (...) Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 2002: p.36)

Fabiano expõe seu sentimento, seu sofrimento e sua angústia diante de tanta indiferença na sociedade em que vive, isso ele reconhece que é devido à falta de uma comunicação clara e objetiva. Ele tem a certeza de que se tivesse a oportunidade de explicar-se por meio de um vocabulário em que a autonomia dos signos se fizesse num contexto amplo e capaz de aproximar as pessoas através das palavras, jamais se submeteria a tanta humilhação.

Nas palavras de Cassirer(1994):

(...)o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e decepções em suas fantasias e sonhos.
(p. 49)

As desconfianças, decepções e temores estão bastante evidentes na obra, e muito bem retratadas através do personagem Fabiano que, com uma linguagem própria e restrita se expõe e se manifesta num contexto único e específico, em que a própria realidade se encarrega de conduzi-lo a um mundo imaginário, onde essas dúvidas e questionamentos permanecem também num contexto psicológico fechado e capaz de influenciar as atitudes e comportamentos do homem revelando assim uma linguagem que, mesmo introspectiva, é uma característica a todas as atividades humanas.

Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em côvado, receoso de ser enganado. Andava irresoluto, uma longa desconfiança dava-lhe gestos oblíquos. À tarde puxou o dinheiro, meio tentado, e logo se arrependeu, certo de que todos os caixeiros furtavam no preço e na medida: (...) Ai certificou-se de que o querosene estava batizado e decidiu beber uma pinga, pois sentia calor. Seu Inácio trouxe a garrafa de aguardente. Fabiano virou o copo de um trago, cuspiu, limpou os beiços à manga, contraiu o rosto. Ia jurar que a cachaça tinha água. Por que será que seu Inácio botava água em tudo? Perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro.
(RAMOS, 2002: p. 26)

Ao se tratar das inseguranças do homem observamos que estas características, em Fabiano são destacadas com maior ênfase nos aspectos em que são abordadas as necessidades de se relacionar com o próprio homem por motivos referentes às aquisições de bens materiais. Fabiano, ao comprar utensílios domésticos, tem constantemente a idéia de estar sendo enganado.

O autor na obra *Vidas Secas* nos apresenta o personagem Fabiano como um líder da família, disposto a mudar, capaz de superar as dificuldades, porém tal mudança pode ser observada apenas no âmbito geográfico, que, para fugir da seca, fenômeno encarado como um grande problema de oposição à sobrevivência humana, Fabiano sai com a família e sem destino certo instala-se em uma fazenda abandonada também por causa da seca.

Assim o submundo do homem é retratado na busca pela sobrevivência humana onde tal mudança apresentada não traz qualquer perspectiva de melhora e o ambiente em que vivem, de descaso e miséria, é descrito de maneira que nos leva a considerar a natureza como o principal fator prejudicial ao homem onde a disposição e a capacidade de superar as dificuldades se tornam quase impossíveis.

É de grande importância ressaltarmos o capricho do autor em descrever a paisagem seca e improdutiva, pois, ao relacionarmos tal descrição ao título da obra, podemos entender que a vida de Fabiano é tão seca quanto o solo do sertão nordestino.

O fator natural que leva o homem a lutar severamente pela sobrevivência leva-nos também a questionar o grau de igualdade entre Fabiano e os animais que com ele convivem. Assim no mesmo nível homem e animal se confundem.

Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos...Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e sala. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com os bichos. (Ramos, 2002, p.36)

Observamos que do mesmo modo que se assemelham, assemelham-se também na comunicação. O homem é desprovido de condições físicas para sua sobrevivência e o ambiente em que vive está mais indicado para o habitat dos animais irracionais do que para o próprio homem.

Nesse sentido, a relação feita com as condições ambientais onde se encontram Fabiano e a cadela Baleia, leva-nos a entender que o animal vive num ambiente privilegiado e merecedor de atenções humanas, enquanto que para o homem, além de submeter-se às condições totalmente subumanas, está também desprovido da capacidade

de comunicação para com seu semelhante e conseqüentemente impedido de posicionar-se através de uma linguagem própria que seja capaz de assegurar o seu espaço físico e fazer valer seus direitos enquanto ser humano.

Tendo em vista a ausência da linguagem de Fabiano a qual pode ser considerada como o principal fator capaz de colocar o homem ao mesmo nível do animal irracional, e ao mesmo tempo, motivo para sua auto-exclusão da sociedade, destacamos a importância pela busca do conhecimento de uma realidade própria em que o uso de uma forma de comunicação se torne, através dos signos, objetos de uma ideologia universal e não fragmentos individuais de cada ser humano, pois:

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. (BAKHTIN, 1995: p. 36)

Observamos no trecho acima o destaque referente às diversas camadas sociais e assim relacionamos a posição social de Fabiano que devido às condições ambientais de vida já mencionadas, é considerado desprovido de qualquer domínio dos signos ideológicos na forma de comunicação, o principal bem, que eleva ou diminui socialmente o homem.

No aspecto psicológico observamos uma certa conformidade de Fabiano para com o destino que lhe é traçado, seus pais foram assim, ele é assim, seus filhos serão assim. Essa passividade ou incapacidade de mudar seu destino pode caracterizar-lhe

positivamente como indivíduo passivo e inofensivo. E negativamente como um “pobre” indivíduo incapaz de lutar pelos seus direitos ou para que haja mudança no rumo dos acontecimentos, e conseqüentemente afirmar-se como sujeito entre os objetos e situações apresentadas na obra.

Podemos destacar também o capricho de Graciliano Ramos em relacionar os fatores sociais de Fabiano diretamente à linguagem para que indiretamente possamos, enquanto leitores, considerar ou não a aquisição da linguagem e a aquisição de bens materiais como fatores decisivos na definição e posição social do homem.

Observamos que mesmo sem o domínio de uma linguagem clara e precisa, Fabiano é capaz de mostrar-se como um sujeito merecedor das considerações humanas, por ter consciência de que o soldado amarelo é apenas a metonímia na transmissão dos abusos e humilhações do poder público para com o povo, porém, sua manifestação permanece num ambiente físico muito restrito que é também proporcionado pelo próprio homem que mais uma vez identifica-se por meio de sua posição social.

A submissão do homem ao próprio homem é retratada num aspecto em que liberdade humana, de acordo com a posição social, está tão restrita que suas condições físicas e expressivas se confundem...

Estirou-se as pernas, encostou as carnes moidas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era se não isso.

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E os conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam cipó de boi oferecia consolações: — “Tenha paciência. Apanhar de governo não é desfeita..

Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?

— Ah!

E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim jogava na esteira

com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. Afinal para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? (RAMOS, 2002: p. 33-34).

Com essa expressão de revolta o autor dá espaço para que o personagem como representante de um povo, que apesar de não possuir os argumentos necessários, possa manifestar-se diante do abuso sofrido pelo poder público, porém tal manifestação acontece apenas no âmbito psicológico e em ambiente fechado, fato que nos desperta, enquanto leitores, para o reconhecimento da importante busca pelo crescimento intelectual que conseqüentemente nos proporciona maiores oportunidades para identificar e assumir o nosso espaço na sociedade em que vivemos, e Fabiano reconhece isso, sabe que o ato de comunicar através das palavras é um grande argumento para o posicionamento social do homem, mas sabe também que usufruir desse argumento é impossível, pois, só consegue comunicar-se através de gestos e sons guturais dentro de um contexto restritamente particular.

Não eram propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto. (RAMOS, 2002: p. 63-64)

É grande a dificuldade de Fabiano em relacionar-se até mesmo com a própria família devido ao uso de uma linguagem dispersa e sem compromisso com os signos ideológicos, pois, não consegue manter a linearidade de seu pensamento e as palavras são ditas de formas soltas e isoladas conforme vão surgindo as dificuldades e as necessidades de se expressar. Essa linguagem individual e fragmentada, além de revelar a distancia

afetiva de uma família, revela-nos também as divergências na convivência da mesma e a impossibilidade de aproximação das diferentes classes sociais e culturais.

Assim podemos ver em Fabiano a verdadeira miséria tanto física quanto intelectual. Para o personagem, o acesso ao conhecimento intelectual está tão distante quanto a realização de seus sonhos materiais, pois, assim como não tem condições de economizar dinheiro, algo que já não tinha. Entendemos que sua língua, sua vida espiritual e moral se revelam através de sua própria linguagem que revela também a identidade cultural de um povo. Povo este que, representado por Fabiano é esquecido, humilhado e massacrado por uma classe dominante que faz com que este homem identifique, cada vez menos, sua própria identidade.

Poderíamos afirmar que essa não aquisição da linguagem se dá devido às condições sociais em que vive? Ou ele vive nessas condições por não dominar a linguagem?

Ao afirmarmos tais questionamentos deixaríamos de considerar as mais diversas formas de comunicação, pois:

A fala não é um fenômeno simples e uniforme. Consiste em diferentes elementos que, tanto biológica como sistematicamente, não estão no mesmo nível. Devemos tentar encontrar a ordem e a inter-relação dos elementos constituintes; devemos por assim dizer, distinguir as diversas camadas geológicas da fala. A primeira camada, é a mais fundamental, é evidentemente a linguagem das emoções. Grande parte da expressão humana pertence ainda a essa camada. (CASSIRER, 1994: p. 54).

Por esse motivo entendemos que as formas de comunicação de Fabiano não se restringem aos gestos isolados. E sua linguagem, apesar de restrita, leva-nos enquanto leitores a refletir sobre os conflitos internos do homem com relação ao seu contexto social pois, é ao mesmo tempo, de fácil compreensão no que se refere às mensagens direcionadas ao leitor.

Talvez por um capricho do autor as emoções de Fabiano são bastante claras no sentido de despertar-nos para a consciência de classes, claras, o suficiente para

observarmos também as dificuldades em entender e se fazer entendido devido à discriminação do homem e pelo homem nas diferentes classes sociais.

Como já foi mencionado, Fabiano é apresentado na obra como representante de um povo e com isso retrata o contraste de classes em que de um lado está o povo menos favorecido culturalmente que, por sua vez revela uma considerável admiração por aquele que domina a linguagem culta e isso podemos observar nas tentativas de Fabiano em imitar a linguagem de seu Tomás da Bolandeira, este por sua vez está do outro lado representando um homem culto e proprietário da fazenda onde Fabiano se instala por acaso, e por não ter outra opção de emprego e moradia submete-se aos caprichos desta classe, que mesmo pequena em número, possui uma incomparável capacidade de dominação.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru. Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de Seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrerá por causa do estômago doente e das pernas fracas. (RAMOS, 2002; p. 24)

Fabiano permanece por tempo indeterminado e sem perspectiva de mudança, principalmente no aspecto intelectual, pois, às vezes, ao ver que Seu Tomás, que é ao mesmo tempo representado na obra como símbolo do desejo de ascensão social e econômica da família, é também dominado por uma cultura, que por assim dizer, representa ser apenas mais um divisor nas camadas sociais. Por isso, tem medo de que a inserção de seus filhos a essa cultura lhe traga maiores castigos e com isso demonstra a responsabilidade de pai para proteger e ensinar aos filhos aquilo que sabe fazer para garantir o sustento da família.

Fabiano tem consciência da exploração vivida, e isso se dá devido a uma especial atenção do autor em despertar-nos enquanto leitores, para o interesse pela busca de uma consciência individual e coletiva visando assim a formação de uma identidade própria, para que possamos entender e distinguir a linguagem de uma elite governante sobre os seus súditos: *“os ricos sobre a dos pobres, das pessoas cultas sobre as iletradas, dos manipuladores da mídia sobre as massas.* (Burke e Porter, 1993: 23)

Os referidos autores ainda acrescentam que: (...) *esta pode ser uma língua de ostentação, servilismo e mistificação que mascara as verdades, cria mentiras e legitima as fraudes.* (p. 26)

Linguagem capaz de contrapor e impor assim sua autonomia sobre o comportamento popular que invariavelmente é mostrado como rude e inculto onde a linguagem é mostrada também como fator decisivo nessa divisão cultural.

A linguagem fragmentada de Fabiano revela a dificuldade de ascensão e aceitação do homem numa sociedade em que as hierarquias dos signos dão efeitos às estruturas sociais, pois:

Bakhtin, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Se a fala é o motor das transformações lingüísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem aos conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN,1995: p. 14).

Com base nesta afirmação podemos relacionar as formas de comunicação de Fabiano ao meio com que ele vive para tentarmos entender os motivos pelos quais o autor apresenta-nos um romance circular, ou seja, uma obra sem compromisso com a linearidade de tempo cronológico em que os fatos acontecem de forma isolada e com a liberdade na particularidade dos capítulos, porém as dificuldades de Fabiano estão visíveis no decorrer de toda a obra e centralizadas em um principal objetivo que é a sobrevivência.

Tais dificuldades estão representadas por meio de sua própria instalação geográfica, onde a natureza mostra-se como o principal fator a desamparar e prejudicar o homem. Dificuldade também em posicionar-se socialmente devido à falta de linguagem, a

qual sabemos que é um componente de grande importância para o desenvolvimento da natureza humana.

A dedicação com a qual o autor coloca Fabiano a lutar com esses dois fatores levamos a entender que o homem, apesar da individualidade pessoal, ou seja, ter sua personalidade e identidade própria, é um ser repleto de conflitos internos e externos, em que alguns deles estão expostos de formas livres e objetivas, enquanto outros permanecem mais introspectivos, exigindo assim maiores cautelas tanto na comunicação quanto no meio físico para que sejam entendidos.

É nesse sentido o uso de uma linguagem clara, objetiva, e de fácil compreensão pode proporcionar ao homem maior facilidade em relacionar-se com seus semelhantes e conseqüentemente um melhor posicionamento social.

Ao relacionar os aspectos sociais apresentados na obra *Vidas Secas*, com o nível comunicativo que ela apresenta ao leitor, percebemos o incentivo do autor em despertar-nos, enquanto leitores e representantes de um povo, para o questionamento do nível pela busca de Fabiano por uma linguagem como meio válido de comunicação e expressão do sentimento, ou até mesmo a busca pela própria identidade.

Desse modo é que consideramos a importante definição do papel ativo de uma língua, ou seja, é na prática e hierarquia desta língua que podemos observar a valorização dos direitos do homem numa sociedade marcada pelas diferenças sociais e conseqüentemente as desigualdades culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o curso de Letras percebi que cada desafio proposto, além de cumprir o objetivo determinado, aumentava gradativamente o meu interesse pela leitura, principalmente das produções literárias, pois a visão que tive nas séries anteriores foi muito superficial e por isso incapaz de despertar meu interesse por estas obras.

No curso de graduação, foi através da literatura que pude entender as reivindicações dos autores para com o público em relação aos conflitos sociais de cada época, isso no intuito de resolver ou conscientizar o povo para os acontecimentos sócio-políticos. Percebi também que por mais indireto que fosse, cada assunto abordado teve sua importância para o desenvolvimento sociocultural. Por esse motivo é que considero de grande importância a necessidade de se trabalhar as obras literárias com os alunos, independente de série ou idade, pois pela experiência que tive, percebo hoje a grande contribuição de tais leituras para o nosso crescimento crítico e cultural.

Penso que este contato inicial poderia ter acontecido anteriormente para que o momento dos estudos de Literatura na Graduação pudesse proporcionar um acesso mais profundo às análises dessas obras, haja vista que, são incessantes as amplitudes na abordagem desses assuntos. Assim, faz-se necessária a constante busca pela mais diversas leituras e suas interpretações.

Isso pude constatar, nas obras que li, pois cada uma teve grande influência, tanto nos aspectos psicológicos quanto nos sociais, algumas com maiores ou menores destaques.

Devido ao exposto optei por trabalhar a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos que retrata a dificuldade do homem no sertão nordestino numa constante busca pela sobrevivência. Fiquei fascinada pela linguagem clara e objetiva. Meu maior questionamento surgiu exatamente por observar a linguagem usada pelo autor para mostrar, através do protagonista Fabiano, que por maior que sejam as dificuldades externas, essas não se comparam às de relacionar-se com o próprio homem através dos signos lingüísticos, isso porque creio que a linguagem verbal seja a principal responsável pela comunicação humana.

Na obra em questão Fabiano mostra-nos o desespero de um povo desprovido de qualquer acesso à leitura ou a outros meios capazes de despertar no homem o senso crítico com relação aos seus direitos e deveres na sociedade.

Acredito que a leitura das palavras (coisa que Fabiano desconhece) desenvolva uma enorme contribuição para o senso crítico do homem, pois é através dela que ele posiciona-se frente aos problemas sociais.

Por se tratar de literatura brasileira, a obra *Vidas Secas* está constantemente destacada nos estudos de interpretações relacionadas à sociedade, pois, mostra-nos direta ou indiretamente a realidade do homem brasileiro até mesmo nos dias atuais. A falta de linguagem foi apenas um fator destacado neste ensaio monográfico na tentativa em entender as críticas do autor em relação aos conflitos e dificuldades do homem em viver socialmente.

Numa realidade determinada pelo poder de persuasão em que o jogo das palavras acontece de modo a favorecer aquele que melhor as domina, destacamos o contraste na comunicação entre Fabiano e seu Tomás da Bolandeira, entre Fabiano e soldado Amarelo na tentativa de mostrar parte da complexidade nas críticas sociais abordadas pelo autor na obra *Vidas Secas*.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7 ed, São Paulo: Hucitec, 1995.

BENVENISTE, Émile: *Problemas de lingüística geral*: Tradução de Maria da Gloria e Novak e Maria Luisa Néri; Revisão do porf. Isaac Nicolau Salun 4 ed., Campinas, SP: Pontes, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: In ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. 34 ed. Rio de Janeiro: 2002.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* – 8 ed. - São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução de Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994, Coleção Tópicos.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*: posfácio de Álvaro Lins, Ilustrações de Aldemir Martins. 87ª ed. Record, São Paulo, 2002

PETER, Burke; ROY Porter (org). *Linguagem indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. Tradução de Álvaro Luiz Hatnher. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993